

Vasos que se quebram,  
vidas que se vão: cerâmicas  
em tumbas no norte bretão  
(séculos IV-II a.C.)

Broken vases, bygone lives:  
ceramics from Eastern  
Yorkshire burials (4th-2nd  
centuries BC)

Pedro Vieira da Silva Peixoto<sup>1</sup>



**Resumo:** Este artigo analisa a deposição de cerâmicas em contextos funerários da Idade do Ferro bretã. O enfoque será dado à região de Yorkshire durante os séculos IV-II a.C., explorando dados obtidos em um total de cento e vinte e três sepultamentos. O artigo começa com uma análise dos contextos dos achados cerâmicos, incluindo uma discussão de sinais de usos prévios dos artefatos em ritos de comensalidade. Em seguida, aborda o uso de estratégias mnemônicas durante os sepultamentos, com foco particular na quebra intencional de vasos. Em terceiro lugar examina, ainda, os perfis das pessoas sepultadas com tais artefatos, em particular no tocante ao seu sexo e idade. Nesse sentido, procura indicar a existência de certos padrões de distribuição — particularmente entre indivíduos do sexo feminino em idade adulta—, variável significativamente conforme a faixa etária em ambos os sexos. O artigo argumenta, por fim, que a deposição de cerâmicas em sepultamentos indica uma realidade de relativa fluidez e compartilhamento entre os gêneros na esfera funerária. Paralelamente à análise central, a discussão oferece também uma avaliação crítica do debate historiográfico sobre a estética das cerâmicas da Idade do Ferro bretã. **Palavras-chave:** Cerâmicas; Idade do Ferro; Britânia; Sepultamentos; Yorkshire.

**Abstract:** This paper analyses the deposition of ceramics in funerary contexts of Iron Age Britain. The study focuses on the Yorkshire region during the 4th-2nd centuries BC, drawing on data obtained from a total of one hundred and twenty-three burials. The paper begins with a discussion of the contexts of the ceramic finds, including an exploration of the artefacts' previous uses in relation to commensality rites. It next addresses the use of mnemonic strategies during burials, with a particular focus on the intentional breaking of vases. Thirdly, the discussion delves into the profiles of the people buried with ceramics, with particular regard to sex and age. In this vein, it



seeks to indicate the existence of certain patterns of distribution — particularly among adult females — which vary significantly according to the age of death among both sexes. The paper ultimately concludes that the deposition of ceramics in burials indicates a reality of relative fluidity among genders in the funerary sphere. Alongside the central analysis, the discussion also provides a critical assessment of the historiographical debate on the aesthetics of British Iron Age pottery. **Keywords:** Ceramics; Iron Age; Britain; Burials; Yorkshire.

Pedro Vieira da Silva Peixoto  
Vasos que se quebram, vidas que se vão:  
cerâmicas em tumbas no norte bretão (séculos V-II a.C.)



“À mes pieds est l’avenir de l’objet que je tiens et vais lâcher. Je vois  
à mes pieds les fragments du vase.”

- VALÉRY, Paul, Poésie et mélange, *Pathos*, I, p.166

Aos meus pés está o futuro do objeto que seguro e vou soltar.  
Vejo aos meus pés os fragmentos do vaso.  
(tradução do autor)

## Introdução

Vasos cerâmicos estão entre alguns dos objetos mais estudados da Antiguidade. Não é um exagero reconhecer que seu histórico de estudo, do séc. XVI aos dias atuais, dos antiquários aos pesquisadores da história, arqueologia e arte, é tão rico quanto as próprias narrativas e interpretações criadas a partir de tais vestígios. A organização inicial de publicações dedicadas à temática desempenhou, aliás, papel importante para a promoção de seus estudos, em especial, durante a primeira metade do séc. XX. Ambiciosos projetos de cooperação e de documentação de cerâmicas antigas resultaram, mesmo, na criação de propostas interinstitucionais e internacionais de larga escala como o *Corpus Vasorum Antiquorum* (CVA) promovido pela Union Académique Internationale, fruto do trabalho visionado por Edmond Pottier, ou, ainda, de monumentais arquivos de pesquisa, organizados a partir de fotos e textos, como o Arquivo Beazley, elaborado por *sir* John Beazley e, hoje, administrado pela Universidade de Oxford, dois, talvez, dos mais célebres exemplos com os quais, ainda hoje, contamos como importantes pontos de referência.<sup>2</sup> No âmbito das humanidades digitais, a digitalização e a política de livre acesso de repositórios e bancos de dados nas últimas décadas têm, igualmente, facilitado e contribuído para a continuidade (e a diversificação) dos estudos sobre conjuntos cerâmicos antigos e, conseqüentemente, sobre as sociedades que os produziram.

Ainda que o cenário seja animador, o campo tem crescido de modo desigual. A produção historiográfica brasileira a respeito da Antiguidade revela ainda uma ênfase no estudo de materiais de procedência mediterrânea, em particular, das cerâmicas gregas e romanas, respectivamente. Há mesmo concentrações mais específicas. Por exemplo, no contexto helênico, as cerâmicas de proveniência ática e fabricadas durante o período Clássico, têm, em muitos casos, concentrado parte considerável do debate. Tal cenário pode contribuir para (ou, ao menos,

Pedro Vieira da Silva Peixoto  
Vasos que se quebram, vidas que se vão:  
cerâmicas em tumbas no norte bretão (séculos V-II a.C.)



para o risco de) uma leitura demasiadamente atenocêntrica da história grega, embora, no âmbito dos estudos helênicos, já contemos com exames dedicados a outros recortes cronológicos e/ou geográficos, que incluem discussões sobre cerâmicas cicládicas, argivas, coríntias, lucanas, macedônicas, dentre outras (DIAS, 2003; FILHO, 2011; FLEMING, 1997; KORMIKIARI; PORTO, 2019; LIMA, 2007, 2015; SANTOS, 2016; SOUZA, 2015; THEML, 1997).<sup>3</sup>

Apesar disso, são raríssimas as discussões de cerâmicas para sociedades da Antiguidade que tendem a ser vistas como “periféricas” ou de menor importância em nossos currículos tradicionais. Não contamos no Brasil, ainda, com uma discussão, por exemplo, sobre a circulação de cerâmicas axumitas embora ela seja ricamente documentada entre os séculos I-V d.C. em regiões diversas: da costa leste africana, e identificável mesmo no século VII d.C. em sítios distantes, como Kemraj, na Índia (TOMBER, 2005). Uma boa contextualização do império de Axum, entretanto, já pode ser encontrada (SILVA, 2021), bem como um ensaio sobre seu potencial para o estudo de uma Antiguidade Tardia “multipolar” (PINTO, 2021). O estudo de suas cerâmicas, no entanto, possibilitaria que contemplássemos trocas culturais entre sociedades frequentemente ignoradas, além de evidenciar rotas de interações e de interconectividade que se davam através de antigos portos como o de Hadramaut, no sul da península Arábica, ou de Adulis, na Eritreia (PEACOCK *et al.*, 2007; SALLES; SEDOV, 2010). Esses são contextos, em boa parte, contemporâneos ao Império Romano e que interagem com o mundo romano.<sup>4</sup> Ao investigá-los, tais discussões poderiam ser incorporadas a propostas diversas no âmbito da História Comparada e da História Global, recentemente advogadas como de grande potencial para o ensino e a pesquisa da Antiguidade no país, de modo a romper com noções etnocêntricas e a visão da Antiguidade enquanto sinônimo de uma nobre “tradição clássica” herdada (MORALES; SILVA, 2020; THEML; BUSTAMANTE, 2007). Trata-se, é claro, apenas de um caminho possível, com enorme potencial.

Entre tantas outras possibilidades para a diversificação da área, proponho, aqui, um estudo sobre os bretões da Idade do Ferro. Quando falamos em bretões, na Antiguidade anterior à ocupação romana, referimo-nos a um conjunto de comunidades variadas que habitavam a ilha conhecida, hoje, geograficamente, como Grã-Bretanha. As experiências observadas durante boa parte do primeiro milênio a.C. nessa região encontram-se reunidas pela historiografia sob o rótulo de Idade do Ferro, um período que convencionamos marcar entre 800 a.C. a 43 d.C.<sup>5</sup> Os bretões antigos nunca formaram um império ou sequer se unificaram. Embora partilhassem de certa proximidade cultural do ponto de



vista material e linguístico, não há um grupo ou uma sociedade bretã coesa, sequer um centro de poder ou modo de se organizar a vida em comum. Ao contrário diferentes tradições, costumes, práticas mortuárias, formas de assentamento e de relacionamento social coexistiam em uma paisagem social heterogênea e, fortemente, regionalizada (CUNLIFFE, 2005).

Embora cerâmicas encontradas em solo bretão já tenham sido o alvo de debates desde as décadas de 1980-90 na academia brasileira, em larga parte, graças aos trabalhos de Pedro Paulo Funari (1990, 2000) sobre a olaria de procedência bética encontrada na Ilha, essas discussões têm se concentrado no estudo da *Britannia*, isto é, da região enquanto província romana, do séc. I d.C. em diante. Até o momento, nenhum estudo no país foi feito sobre as deposições cerâmicas da Idade do Ferro bretã, motivo pelo qual o artigo se faz necessário.

Proponho, aqui, uma análise das deposições de cerâmicas em contextos mortuários encontrados no norte, na região conhecida, hoje, como East Riding of Yorkshire, tendo como escopo os séculos IV-I a.C.. A escolha foi condicionada por motivos de ordem prática. East Yorkshire abriga os maiores cemitérios já registrados da Idade do Ferro bretã, muitos com centenas de túmulos ao longo de vales, como é o caso do complexo encontrado em Wetwang-Garton e em Rudston e Burton Fleming, no Great Wolds Valley (DENT, 2010; GILES, 2012; HALKON, 2020). Hoje, encontram-se escavadas mais de mil tumbas na região e descobertas recentes, como as de um cemitério da Idade do Ferro em Pocklington, continuam a aumentar esses números (STEPHENS; WARE, 2020).

As tumbas de Yorkshire apresentam uma unidade morfológica característica. A maior parte delas é assinalada por uma vala/trincheira em formato quadrangular escavada ao redor da cova, identificando-a, e um montículo funerário erguido sobre a sepultura.<sup>6</sup> A deposição dos remanescentes humanos se dava, em todos os casos, pelos rituais de inumação. Os mortos eram enterrados em covas individuais, compartilhadas ou em inserções secundárias a sepultamentos anteriores e, embora de baixa ocorrência, podiam contar com mobiliário fúnebre variado.<sup>7</sup> A grande maioria das tumbas encontradas em Yorkshire data da segunda metade do primeiro milênio a.C., em particular, dos séculos IV-II a.C., embora casos anteriores, dos séculos VIII-V a.C., tenham sido identificados em um sítio em Melton (FENTON-THOMAS, 2011). Desde a segunda metade do séc. XX, os materiais advindos dessas tumbas ficaram conhecidos como pertencentes à “Cultura de Arras” (HALKON, 2020; STEAD, 1979). O nome foi dado por conta do sítio de Arras, onde as primeiras escavações, realizadas entre 1815-1817, revelaram um extenso cemitério da Idade do Ferro e algumas



raríssimas e monumentais tumbas com carros – os primeiros achados do tipo na Ilha (GREENWELL, 1906; STILLINGFLEET, 1846).

Analisar a presença de cerâmicas em contextos funerários nos possibilita trilhar interessantes caminhos analíticos que de outra forma estariam inacessíveis. Afinal, a maioria de achados de conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro bretã é oriunda de assentamentos (BRAILSFORD, 1961; MORRIS, 1994; NISHITANI, 2012). Embora enriquecedoras, essas descobertas ocorrem em contextos dissociados de dados biológicos sobre as populações antigas, o contrário do que observamos na esfera mortuária, onde é possível acessar informações sobre as pessoas sepultadas, como seu sexo ou sua faixa etária, para entender um pouco mais sobre as associações construídas em torno de tais objetos. Afinal, como se davam os atos de deposição de cerâmicas nas tumbas bretãs?

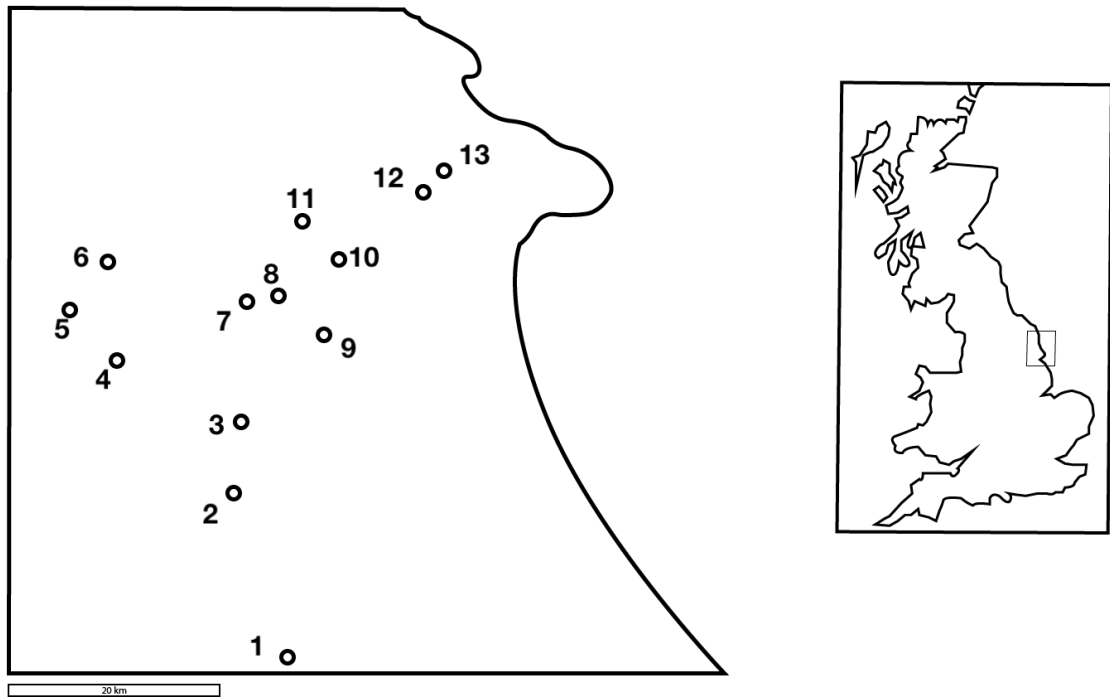
Para responder à questão, discutirei dados coletados a partir de escavações realizadas em 13 cemitérios da Idade do Ferro na região de Yorkshire. Parte do material foi escavada por antiquários no séc. XIX e as primeiras décadas do XX. São eles os sítios de Aldro, Cowlam, Danes Graves, Grimthorpe, Hanging Grimston, Middleton-on-the-Wolds (GREENWELL, 1877, 1906; MORTIMER, 1897, 1905; STEAD, 1979). Os materiais dessas escavações foram utilizados para processar dados de ordem artefactual, porém não foram contemplados para as discussões envolvendo o perfil das pessoas sepultadas com cerâmicas, já que os remanescentes humanos escavados não puderam ser submetidos a análises osteológicas ou, em muitos casos, não sobreviveram aos dias atuais.

O restante do material foi escavado na segunda parte do século XX. Sua proveniência são os cemitérios de Wetwang, Garton, Rudston, Burton Fleming, Kirkburn, e, mais recentemente, no séc. XXI, Melton (DENT, 1984; FENTON-THOMAS, 2011; STEAD, 1991). As discussões que envolvem dados bioarqueológicos pautam-se, exclusivamente, nos materiais advindos de tais sítios. Foram utilizados os relatórios produzidos por Stead (1991), King (2010) e Dent (1984), complementados por subseqüentes análises laboratoriais conduzidas do material (CAFFELL; HOLST, 2011; JAY *et al.*, 2012; JAY; MONTGOMERY, 2020; JAY; RICHARDS, 2006). Dos doze sítios listados, um total de 123 sepultamentos produziu cerâmicas em condições diversas, completas, em fragmentos ou cacos isolados: 20% das descobertas são oriundas das escavações antiquárias e os 80% restantes, das modernas. A discussão oferecerá uma síntese de ambas, correlacionando os achados, na medida do possível.





**Figura 1** - Mapa dos sítios da Idade do Ferro de Yorkshire contemplados pelo recorte do artigo. (1) Melton; (2) Arras; (3) Middleton; (4) Grimthorpe; (5) Bugthorpe; (6) Aldro; (7) Wetwang Slack; (8) Garton Slack; (9) Kirkburn; (10) Danes Graves; (11) Cowlam; (12) Rudston e (13) Burton Fleming



Fonte: Elaboração própria (2022).

### As cerâmicas da Idade do Ferro em Yorkshire

Yorkshire apresenta uma realidade cerâmica curiosa. Apesar de seus extensos cemitérios e tumbas monumentais, os registros arqueológicos revelam que a deposição de cerâmicas em contextos funerários se dava de maneira relativamente simples. Um único objeto costumava ser colocado junto aos mortos, quer por inteiro ou em partes. Esse é um nítido contraste com tradições funerárias encontradas em regiões do continente e do sul bretão, como no caso das cremações de Aylesford-Swarling, no sudeste da Inglaterra, onde conjuntos cerâmicos numerosos, compostos por equipamentos diversos de banquete, eram depositados em uma única cova, sendo a tumba de Welwyn Garden City, talvez, a mais icônica (FITZPATRICK, 2007; WAIT, 1996).

Além de conter deposições relativamente simples, em Yorkshire, cerâmicas foram colocadas em tumbas de maneiras distintas: por inteiro, em partes, ou quebradas em pequeninos cacos espalhados no interior das covas. Veremos

Pedro Vieira da Silva Peixoto  
Vasos que se quebram, vidas que se vão:  
cerâmicas em tumbas no norte bretão (séculos V-II a.C.)





mais sobre isso, um pouco à frente. Tratemos, primeiro, de registrar as ocorrências. Nos cemitérios analisados, um total de 71 sepultamentos possuía vasos em condições variantes. Dentre eles, 17 registros são provenientes de escavações realizadas no séc. XIX, no cemitério de Danes Graves. Os restantes 54 casos provêm dos cemitérios de Cowlam, Rudston, Burton Fleming, Kirkburn, Garton e Wetwang Slack, escavados no século XX. E quanto aos demais casos? Esses produziram apenas fragmentos/cacos cerâmicos isolados/individuais, totalizando 52 ocorrências. Muitos desses fragmentos não estavam imediatamente junto aos mortos, sendo encontrados no preenchimento das covas ou em valas que delimitavam os sepultamentos. Embora Yorkshire seja caracteristicamente lembrada por seus sepultamentos com carros – isto é, onde veículos foram enterrados junto aos mortos –, nenhuma tumba com carro, até o momento, continha cerâmicas.<sup>8</sup>

Além da quantidade de cerâmicas por tumba, há ainda outra simplicidade particularmente marcante na região: a de ordem estética. As cerâmicas de Yorkshire consistem, em sua maioria, em vasos/potes desprovidos de decoração elaborada. Sem contar com grandes acabamentos ou mesmo um formato consistente, esses vasos possuem superfícies simples com mínimo de tratamento, seja em termos de manufatura ou de queima. Por conta disso, têm sido notoriamente discutidos a partir de seus atributos estéticos, ou, para ser mais preciso, a falta de tais atributos, sendo referidos, na historiografia, como *shapeless jars*, ou vasos disformes (CHITTOCK, 2016b; RIGBY, 2004; STEAD, 1991, p. 100–101).

Não é incomum aliás que esses objetos sejam contrastados com outras categorias de artefatos pela historiografia do período. Essas comparações visam, quase sempre, a enfatizar a rudimentariedade das cerâmicas em contraposição aos demais itens analisados. Em certas ocasiões, conjuntos cerâmicos são confrontados com itens metálicos, como espadas e objetos de adornos pessoais, como broches e braceletes, já que representam um nítido contraste aos elaborados artefatos metalúrgicos que compõem algumas das provisões funerárias encontradas, o que serve para enfatizar as diferenças estéticas entre ambos os grupos (CHITTOCK, 2016a, p. 114). Comentários têm sido elaborados, também, em contraste com olarias de origem continental, como aquelas ricamente adornadas com temas geométricos e curvilíneos provenientes de regiões do norte da Gália. Visa-se, nesses casos, a assinalar o caráter “simples e grosseiro” do material bretão (HARDING, 2017, p. 39). Stead (1979), certa vez, chegou mesmo a escrever que “não existe muito sentido em



ficar considerando esses vasos simples em grandes detalhes”, devido a suas constituições (STEAD, 1979, p. 84). Seria o caso de encerrarmos, aqui mesmo, então, a discussão?

Ora, a simplicidade das cerâmicas de Yorkshire é sentida mesmo em uma perspectiva cronológica. Elas distinguem-se, afinal de contas, das adornadas cerâmicas campaniformes do Neolítico ou das elaboradas urnas e vasos da Idade do Bronze encontradas nessa mesma região. Entretanto, do ponto de vista de sua fabricação e preparo, é importante assinalar que não se tratavam de vasos necessariamente superiores ou inferiores, apenas, diferentes uns dos outros.

Os vasos da Idade do Ferro atestam tão somente que o mínimo de tempo era gasto neles, ao contrário dos períodos anteriores, quando havia um esforço e cometimento maior em relação à sua aparência, indicando, que talvez fossem mais valorizados enquanto objetos antes da segunda metade do primeiro milênio a.C. (RIGBY, 1991, p. 110). Esse é um ponto importante, pois como Rognon (1991, p. 21) nos alerta, em níveis antropológicos, grupos que optam por produções aparentemente rudimentares em determinados campos, podem investir mais tempo e energia na produção estética em âmbitos distintos ou, ainda, se dedicar à elaboração de sofisticados sistemas em outras esferas da vida social. Ao contrário do comentário de Stead (1979, p. 84), devemos encarar a simplicidade cerâmica do norte bretão com um olhar crítico. Ela é o resultado de uma escolha deliberada que levava em consideração uma equação de prioridade(s) e importância(s) sociais atribuídas a objetos diversos e que fazia sentido para as comunidades locais. Seria um equívoco encarar tal simplicidade como reflexo da capacidade técnica ou, no caso, de sua ausência por parte de determinados grupos.

A aparência rústica desses itens cerâmicos revela dois pontos de interesse. Por um lado, atesta certa continuidade com tradições cerâmicas anteriores, da Idade do Ferro Inicial. Por outro, indica uma proximidade material com outras regiões, em particular, do norte bretão. Em uma discussão sobre a estética de tais objetos, Chittock (2016b) demonstrou que a estética crua das cerâmicas encontradas entre os séculos IV-I a.C. representa uma conexão e continuidade com as cerâmicas utilizadas desde 900 a.C. em Yorkshire. Sua manutenção estética, apesar da aparente pobreza, poderia representar, assim, a conservação de tradições antigas em um mundo em constante mudança, marcando um contraste com as transformações tecnológicas e sociais testemunhadas, em particular, durante a Idade do Ferro Média (CHITTOCK, 2016b, p. 32–4). A falta de grandes acabamentos e a aparência simples podem ser, assim, um recurso



simples, porém eficiente, de forjar um elo com o passado; um vínculo material com a estética de um mundo que já não é mais. Sua produção não deve ser encarada de tal modo como uma incapacidade técnica, mas, sim, o fruto de uma escolha consciente reveladora de uma coerência cultural.

Mas e quanto à proximidade compartilhada entre regiões? Um exemplo, pode ser encontrado no sudeste escocês. A inspeção conduzida por Maxwell, Heron e Armit (2011) sobre os conjuntos cerâmicos e seus resíduos nos sítios de Broxmouth, Traprain Law e Newmains, no sudeste da Escócia, revelaram cerâmicas de aparência igualmente simples e sem formas consistentes. Esses são materiais contemporâneos aos de Yorkshire. Os resultados revelaram, aliás, que nenhuma diferenciação quanto a função das cerâmicas pôde ser estabelecida com base em sua fabricação ou seu formato: suas funcionalidades não eram predeterminadas pela forma ou uso de recursos específicos de argila ou têmpera, o que mina qualquer aplicabilidade de tipologias baseadas em atributos morfológicos e funcionais (MAXWELL; HERON; ARMIT, 2011).<sup>9</sup> Embora o sudeste escocês e o norte inglês difiram-se em diversos aspectos, particularmente a níveis funerários e de assentamentos, a semelhança observável na preponderância de cerâmicas simples e de formas variáveis, poderia indicar a existência de estéticas compartilhadas possivelmente em níveis transregionais. Alternativamente, poderiam ser um indício também de comunidades que valoravam e priorizavam determinadas atividades e estéticas materiais de modo relativamente semelhantes.

Preferências microrregionais são também identificáveis nos conjuntos cerâmicos de Yorkshire. Para isso, é preciso olhar não para a estética, mas para a própria constituição física dos vasos, levando em consideração sua composição mineralógica. Análises petrográficas conduzidas nas cerâmicas que compõem o *corpus* da pesquisa revelam que elas eram de dois tipos: vasos temperados de rocha errática ou vasos temperados de calcita (DENT, 1984; RIGBY, 1991). Em níveis geológicos, rochas erráticas são pedras com tamanhos e formatos distintos da maior parte daquelas encontradas em uma determinada localidade, tendo comumente sido transportadas para tais lugares por conta de rios glaciais (glaciares). Já a calcita é um mineral encontrado em meio ao calcário abundante no solo, altamente comum em Yorkshire Wolds, e pode ser obtido através da mineração e peneiração do solo.

Curiosamente, cerâmicas feitas de rochas erráticas costumam ser preferidas nos cemitérios situados ao longo do vale de Great Wolds, isto é, Rudston e Burton Fleming, ao passo que no vale de Wetwang-Garton as cerâmicas temperadas de



calcita eram a regra (DENT, 1984, p. 178; RIGBY, 1991, p. 96–97, 104; GILES, 2012, p. 133).<sup>10</sup> Tal constatação, a princípio de ordem técnica, possibilita-nos contemplar a existência de certos perfis cerâmicos microrregionais. Com base nisso, Giles (2012, p. 133) defendeu que esses vasos, a despeito de sua aparente simplicidade, seriam legíveis para os indivíduos de tais comunidades. Eles indicariam de modo sutil relações, afinidades e pertencimentos a paisagens físicas e sociais, carregando mensagens sobre determinados indivíduos e seus grupos. Essa é uma possibilidade interpretativa enriquecedora.

Embora quase não atentemos para tais dados, a presença esporádica de cerâmicas de calcita em cemitérios do vale de Great Wolds, isto é, que divergem, portanto, do padrão observável na maioria dos casos, pode ser reconsiderada a partir de um novo olhar. Dada sua constituição, essas cerâmicas poderiam estar imbuídas de mensagens, servindo como um recurso plástico simples, porém eficiente, para assinalar a origem de determinado indivíduo ou seu grupo, ou ainda as redes de contatos cultivadas com comunidades de vales vizinhos.

### **Cerâmicas, cacos e pessoas: histórias possíveis**

Mas e quanto às pessoas associadas às cerâmicas? Sobre as que estavam envolvidas em sua produção, nosso saber ainda é particularmente lacunar. Não há em Yorkshire indícios substanciais de oficinas de especialistas cerâmicos, como em outras regiões na fronteira galesa, em partes do sudeste inglês e no sul, em Wessex, Glastonbury e na Cornualha, onde a produção de cerâmica atingiu uma escala e proporção considerável (CUNLIFFE, 2005, p. 103–16). De manufatura atestadamente local, é difícil precisar quais pessoas estavam envolvidas na confecção dos vasos/potes encontrados nas tumbas de Yorkshire. Sua produção não demandava dedicação exclusiva, não sendo pois uma atividade de tempo integral e sua presença em assentamentos da região reforça que a produção cerâmica, na região, era facilmente conciliada com outras tarefas agropastoris e domésticas (RIGBY, 2004).

Julgo, entretanto, ser necessário fazer um alerta crítico. Há uma tendência de pressupor que as cerâmicas encontradas seriam o resultado de manufaturas femininas, dado seu caráter “grosseiro”, como costuma ser colocado (BRAILSFORD, 1961, p. 93). Essa é uma visão infeliz e equivocada. Ela baseia-se não apenas em um conjunto de anacronismos, mas também em uma leitura misógina do passado, não possuindo qualquer suporte arqueológico (cf. PEIXOTO, 2018a). É possível, de fato, que mulheres tivessem participado



ativamente na criação de alguns ou de muitos dos vasos enterrados, mas não temos evidências sobre o perfil dessas pessoas. Ademais, o formato, a estética e a qualidade dessas cerâmicas não possui qualquer correlação com o sexo das pessoas que as produziram e, como já argumentado, transcendem a mera ideia de uma incapacidade técnica. A ideia de uma produção cerâmica feminina nos moldes como costuma ser tradicionalmente apresentada, não está baseada, tampouco, em exames microscópicos de impressões digitais que visariam à identificação de possíveis autorias, mas tão somente em uma projeção de juízo moderna. A correlação construída pela historiografia do século XX entre metalurgia-masculina-continental-evoluída versus cerâmica-feminina-nativa-primitiva, apresentada por autores como Brailsford (1961), deve ser, portanto, categoricamente desconsiderada.

Sepultamentos onde vasos inteiros foram encontrados permitem observar que a maior parte deles poderia comportar um equivalente entre 2,5 a 5 litros de líquidos ou 1 a 2 quilos de grãos (GILES, 2012, p. 134) (Cf. Tabela 1). Alguns casos excepcionais, entretanto, são identificáveis. Em Rudston elas ocorrem nas tumbas de R13, uma inumação adulta cujo sexo não pode ser estabelecido e R82, uma inumação do sexo masculino de 25-35 anos (STEAD, 1991). Ambas revelaram vasos particularmente grandes em seu interior, dentro dos quais ossos de ovelhas foram depositados. O vaso de R82, em questão, tinha o dobro do tamanho das cerâmicas habitualmente encontradas: sua base media aproximadamente 160mm e ele tinha 240mm de largura e 320mm de altura e é possível que estivesse mais associado ao armazenamento do que ao preparo de comida como muitos outros (RIGBY, 1991, p. 107).

**Quadro 1** - Comparação entre os valores médios das dimensões das cerâmicas encontradas em tumbas da Idade do Ferro em Yorkshire em escavações antiquárias e modernas

Valores médios das dimensões dos vasos		
	Danes Graves	Great Wolds Valley
Altura	114-146mm	130-160mm
Largura (boca)	130-146mm	110-125mm
Base	82-95mm	85mm

**Fonte:** Baseado em Greenwell (1906, p. 264) e Rigby (1991, p. 107).



Na década de 1990, Valery Rigby (1991, p. 105) levantou a hipótese de que talvez existisse uma distinção entre os vasos utilizados para fins fúnebres e os de uso cotidiano. Isso explicaria a qualidade simples das cerâmicas encontradas, já que tais objetos poderiam ter sido apenas confeccionados para serem enterrados. Não obstante, explicaria, também, o porquê de alguns vasos apresentarem formas distorcidas ou queimas inadequadas. Tal hipótese se baseia no pressuposto de que os vasos utilizados cotidianamente seriam, presumidamente, de melhor qualidade e resistência, ainda que igualmente simples em aparência. No entanto, a ideia original de Rigby revelou-se inadequada. Estudos futuros conduzidos pela própria autora a partir de descobertas cerâmicas em contextos domésticos e em assentamentos, revelaram vasos idênticos aos encontrados em contextos fúnebres, que seguiam o mesmo padrão de confecção marcada por um mínimo investimento em sua manufatura e um procedimento técnico simples (RIGBY, 2004).

É impossível distinguir, portanto, entre cerâmicas confeccionadas para uso funerário (se é que tenham existido) e aquelas de usos domésticos. Acredito haver um ponto, no entanto, de maior importância. Refiro-me ao fato de que a maior parte das cerâmicas encontradas em contextos funerários não atendiam a uma função puramente simbólica: ao contrário, eram utilizadas para cozinhar alimentos, ou ao menos o foram pelo menos uma vez antes de serem depositadas nas tumbas. Isso porque traços externos e internos de fuligem no corpo desses vasos, no formato de manchas enegrecidas, são observáveis em 60% de todos os vasos completos escavados em tempos modernos (Cf. Tabela 2). O número concreto talvez seja ainda maior, mas aferições do tipo não podem ser feitas na parte do *corpus* documental escavado no séc. XIX. Entretanto, algumas valiosas pistas ainda podem ser extraídas.

**Quadro 2** - Sepultamentos nos quais vasos com sinais de fuligem (interior/ exterior) foram encontrados

R2	R4	R6	R12	R13	R14	R16	R18	R22	R25		
R27	R32	R33	R34	R37	R46	R71	R76	R77	R80		
R84	R91	R106	R180	R186	BF6	BF18	BF28	BF57	WS129		
WS130	WS136	WS419	<b>Total: 33</b>								

**Fonte:** Rigby (1991) e Dent (1984, p. 178).





Passado mais de um século, a observação feita pelo *canon* William Greenwell sobre as primeiras cerâmicas encontradas no século XIX em Arras e Danes Graves permanece, ainda, relevante: “deve haver poucas dúvidas quanto ao objetivo com o qual tais vasos foram colocados nas covas; eles eram receptáculos de comida” (GREENWELL, 1906, p. 264). Sem contar com os métodos e recursos tecnológicos da contemporaneidade, tal constatação só fora possível, à época, a partir de um olhar cuidadoso sobre a relação, observável em alguns sepultamentos, entre objetos de cerâmica e remanescentes animais. Esse é, aliás, um exemplo revelador sobre a própria história da historiografia e da arqueologia da Idade do Ferro bretã. Afinal, alguns eruditos como o próprio Greenwell e J. R. Mortimer, criteriosos e metódicos em suas análises, já desconfiavam da falta de atenção prestada por parte de alguns dos primeiros escavadores desses sítios. Greenwell, por exemplo, expressa certa ressalva dizendo ser “possível que pedaços pequeninos de potes tenham sido deixados passar pelo Sr. Stillingfleet”, que escavou parte substancial do cemitério de Arras, “ou que ele talvez tenha pensado que não eram dignos de notas” (GREENWELL, 1906, p. 264). Greenwell, todavia, adota um tom diplomático alegando ser improvável que Stillingfleet tenha ignorado um vaso que estivesse em boas condições dentro de uma cova, indicando que, talvez, se é que tenham sido depositados em Arras, eles estivessem já em sua maioria quebrados em cacos.

Apesar disso, as escavações oitocentistas realizadas em Danes Graves e documentadas em detalhe por Mortimer (1897, 1898, 1905) e Greenwell (1865, 1877, 1906) oferecem um paralelo e padrão de deposição idêntico àquele encontrado nas últimas décadas. Tumbas como as de DG31, DG53-54, DG65, DG91 e DG99 revelam, em pleno século XIX, que ossadas de animais foram descobertas dentro de potes depositados junto aos mortos, em sua maioria, próximos à face ou aos pés dos falecidos. Esse padrão de deposição é confirmado pelas escavações modernas e está particularmente bem documentado nos cemitérios do Vale do Great Wolds (STEAD, 1991). Análises subsequentes revelaram que os remanescentes animais em tais casos correspondem a um dos membros dianteiros de ovelhas ou de porcos, mais especificamente, o úmero (LEGGE, 1991).

Esse é um dado relevante, já que a presença de ambos os animais em sepultamentos de Yorkshire servia como um importante sinalizador para a prática de banquetes funerários promovidos em homenagem aos mortos. Há diferentes formas de deposições, nesse sentido, realizadas com graus de conspicuidade variantes: seja por meio de um único osso depositado em um





vaso, como aqui vemos, ou pela deposição de partes inteiras, como o quarto dianteiro de porcos, observável de modo icônico em algumas das tumbas com carro (DENT, 1985; GILES, 2012; JAY; MONTGOMERY, 2020; STEAD, 1991). Essas últimas, aliás, podiam ocorrer de modo ritualizado, com partes dos crânios dos animais quebradas pela metade e espalhadas na cova e, em alguns casos excepcionais, como atesta uma tumba com carro em Ferry Fryston, gerações futuras continuaram a retornar a alguns desses sepultamentos, durante séculos, para promover ritos de comensalidade e fazerem ofertas semelhantes.<sup>11</sup> A presença de caquinhos de cerâmicas encontrados no preenchimento de covas e/ou em valas ao redor da tumba poderia ser, assim, encarada com novo olhar. Ela poderia, de tal modo, ter funcionado como uma forma mais simples de oferta com uma função análoga: marcar o retorno por parte de um indivíduo ou um grupo ao local de um sepultamento e ali deixar um pequenino vestígio associado ao universo da comensalidade, como um singelo tributo posterior.

Mas e quanto às pessoas enterradas com vasos que continham ossadas animais? Para responder a essa pergunta, devemos contemplar os cemitérios escavados desde a segunda metade do século XX, onde dados bioarqueológicos se fazem disponíveis. Embora uma parcela dos remanescentes humanos não possa ter seu sexo estabelecido (18% dos casos), é importante observar que o número de mulheres (50%) com tais itens é consideravelmente maior do que o de homens (32%).

O dado apresentado é particularmente relevante. Esse padrão de deposição contrasta com um estereótipo comum a respeito da Idade do Ferro, já que itens relacionados às práticas comensais costumam, tradicionalmente, ser associados pelo senso comum a homens – uma visão em larga escala reforçada por relatos clássicos. A cultura material de Yorkshire, no entanto, nos indica que tanto homens como mulheres poderiam ser enterrados com itens de comensalidade – mesmo os mais conspícuos. No caso das cerâmicas, ambos os sexos aparecem providos por vasos previamente utilizados no preparo de alimentos e, igualmente, com ossos de porcos e/ou ovelhas em seu interior, inclusive, com mais ocorrências registradas junto à parcela feminina da população.

Nem todas as cerâmicas escavadas, no entanto, continham remanescentes animais. O número de vasos com e sem ossadas é virtualmente o mesmo (28 com; 26 sem). Entretanto, novamente a maior parte dessas deposições ocorre em tumbas de indivíduos do sexo feminino (55%) e apenas metade dos casos em tumbas de pessoas do sexo masculino (28%), sendo o restante dos casos composto por inumações cujo sexo não pode ser determinado (17%). Há, ainda,



a sugestão de um padrão particular no posicionamento dos objetos no interior das tumbas levando-se em consideração o sexo das pessoas sepultadas. No vale de Greats Wolds, cerâmicas foram encontradas em 13% dos casos na região próxima aos pés de indivíduos do sexo masculino e apenas 6% do sexo feminino, e próximas às mãos e ao rosto em 23% das inumações femininas e em apenas 6% das masculinas (GILES, 2012, p. 135). Embora alguns autores como Parker Pearson (1999, p. 53) tentem fazer algum sentido desses dados criando uma relação entre as posições observadas com a função de servir (feminina) e a de prover (masculina), tais esquematizações não se sustentam em níveis materiais por motivos vários. Primeiramente, deve-se lembrar de que sepultamentos não são um mero reflexo passivo da realidade e que há papéis nítidos, como os propostos, identificáveis nas sepulturas em questão. Em segundo lugar, a correlação entre os sexos, as funções de servir/prover e o posicionamento dos vasos não possui suporte analítico baseando-se apenas em uma impressão ou especulação, já tendo sido inclusive reproposta de modo inverso (POPE; RALSTON, 2012). Novamente, aqui, a interpretação oferecida projeta de modo arbitrário um conjunto de valores anacrônicos de gênero ao passado, motivo pelo qual tem sido abandonada (GILES, 2012, p. 135; POPE; RALSTON, 2012, p. 393-4).

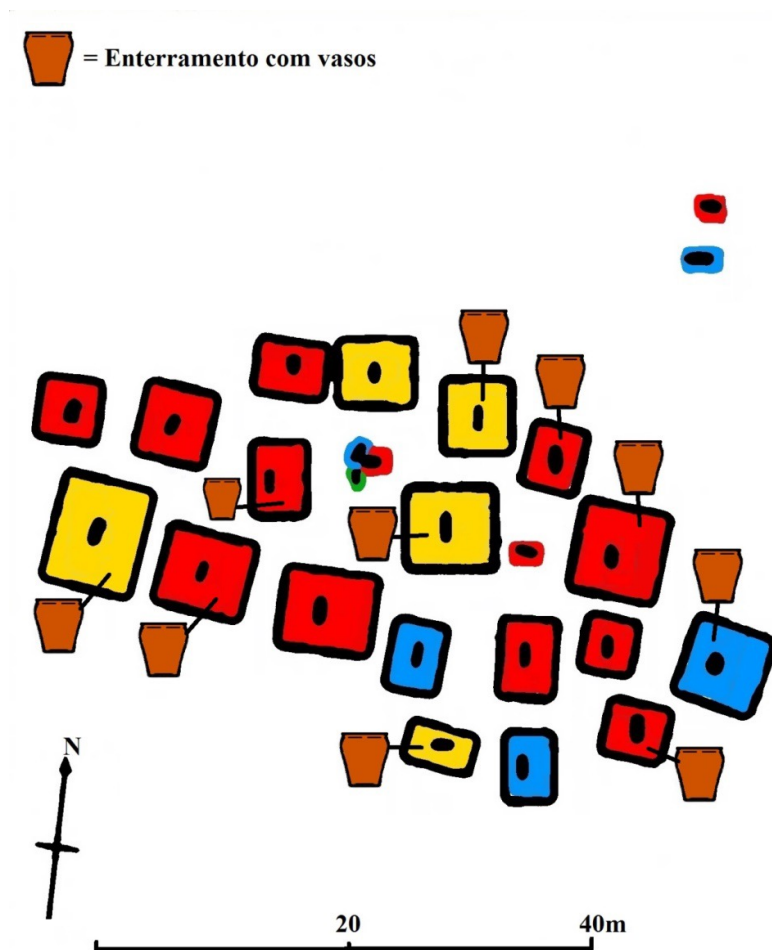
Apesar das aparentes diferenças entre as inumações masculinas e femininas, a presença de itens cerâmicos nos cemitérios de Yorkshire com indivíduos de ambos os sexos indica uma realidade de relativa fluidez e compartilhamento entre os gêneros, condizente com o cenário da Idade do Ferro Média (c. 400-100 a.C.). Esse é um dado relevante já que as inumações tardias da região passam a adotar um sistema de sinalização identitária em termos cada vez mais binários, onde certas categorias específicas de objetos são depositadas de modo exclusivo com pessoas de determinados sexos, como equipamentos de metalurgia e armas junto a indivíduos do sexo masculino e itens de tecelagem com as do sexo feminino (GILES, 2012, p. 162-163). Em tal contexto, apenas duas inumações em Rudston (R146 e R182), continham um caco isolado de cerâmica na cova. Ambos sepultamentos eram de homens de 25-35 anos enterrados com armas entre 120-20 a.C.. A ausência de vasos nos sepultamentos das fases tardias, em inumações de tipo B, atesta uma mudança nítida a partir do final do século II a.C. no papel que esses objetos ocupariam nos ritos funerários.

Apesar de contarmos com números significativos de ocorrência, dada a extensão de muitos cemitérios em Yorkshire, a incidência de cerâmicas em tumbas é relativamente baixa, sendo observável em torno de 10-15% das



inumações. Trata-se de uma realidade consoante com a baixa presença numérica de itens de mobiliário fúnebre observada em níveis gerais na região (cf. DENT, 1984; STEAD, 1991). Apesar disso, em algumas áreas observamos um número relativamente maior de achados cerâmicos. Essa é a realidade, em particular, da paisagem funerária de Rudston, onde, no setor de Makeshift, quase 1/3 da população foi enterrada junto a potes de cerâmica. Em algumas áreas dentro desse setor, inclusive, como nas tumbas de R1-25 podemos, mesmo observar uma concentração notável de tais achados (cf. Figura 2).

**Figura 2** - Planta do cemitério de Rudston, no setor de Makeshift, mostrando a distribuição de vasos nas tumbas entre R1-R25. Em vermelho, enterramentos com remanescentes humanos do sexo feminino; em azul, inumações do sexo masculino; em amarelo, casos cujo sexo não pode ser determinado e em verde remanescentes infantis



Fonte: O autor, baseado em Stead (1991).

Pedro Vieira da Silva Peixoto  
Vasos que se quebram, vidas que se vão:  
cerâmicas em tumbas no norte bretão (séculos V-II a.C.)



Identificamos, portanto, a formação de determinados agrupamentos espaciais que evocavam narrativas fúnebres comparáveis. A configuração dos cemitérios revela um arquitetado esforço de proximidade (física e simbólica) construído entre indivíduos distintos, inclusive, homens e mulheres. Por um lado, é possível observarmos certa concentração de vasos em tumbas femininas quase sempre agrupadas próximas umas às outras: uma estratégia de se criar uma memória compartilhada entre mulheres celebradas em morte, de maneiras semelhantes, pelos membros de suas comunidades. Por outro lado, a presença de enterramentos masculinos e de indivíduos cujo sexo, em níveis osteológicos, não podemos determinar, nos lembra que há um relativo compartilhamento nesse sentido. As tumbas da planta acima atestam perfeitamente essa fluidez. Entre elas, há não apenas uma harmonia em termos da ritualização adotada no tratamento de ambos os sexos – todos sepultados orientados em sentido norte-sul, com suas faces voltadas a leste –, mas, ainda, com os mesmo repertório de itens de mobiliário fúnebre que consistia apenas em um vaso, em alguns casos, um broche e um osso de ovelha. No caso destacado, esse é um tratamento compartilhado entre o homem de idade avançada (45+) enterrado em R25 e as demais mulheres de idades variadas, em R4 (17-25), R6 (35-45), R14 (25-35), R16 (25-35), R22 (17-25).

A discussão se torna ainda mais reveladora quando levamos em consideração não apenas o sexo, mas um outro importante fator do perfil de pessoas enterradas com cerâmicas: a idade. A análise relacional da presença de cerâmica em contextos funerários indica que tais deposições eram fortemente condicionadas por atributos etários. Essa é uma realidade observável, primeiramente, em níveis quantitativos. De mais de mil enterramentos registrados em Yorkshire, apenas um caso encontrado em Garton Slack (GS4a, 1.3) continha um vaso depositado junto a um bebê. Contudo, esse era um sepultamento coletivo: a cova do bebê em questão estava inserida no montículo da tumba de uma mulher, morta entre 25-35 anos (BREWSTER, 1980).<sup>12</sup>

A deposição de cerâmicas estava, portanto, na maioria dos casos condicionada por atributos etários. Ela representava uma honra funerária dirigida a indivíduos falecidos durante a idade adulta, estando significativamente ausente em sepultamentos infantis. Condiz, em última instância, com os padrões observáveis de deposições metálicas e de remanescentes animais, já que ambas são igualmente oriundas, na esmagadora maioria, de tumbas de indivíduos adultos e a presença de itens de mobiliário é virtualmente inexistente até a idade entre 6-8 anos (PEIXOTO, 2018b). Acredito que a ausência de cerâmicas



em tumbas infantis deva ser encarada como um fenômeno importante, particularmente de uma ponto de vista comparado. Afinal, cemitérios do norte gaulês contemporâneos aos aqui discutidos, como os situados na região francesa de Champagne, revelam deposições entre tumbas infantis e adultas virtualmente idênticas e crianças sendo sepultadas com cerâmicas comparáveis aos adultos em quantidade e qualidade (BELARD, 2014, p. 116).

Em Yorkshire, algumas diferenças são também observáveis entre os sexos em termos etários, no tocante à associação com cerâmicas (Cf. Anexo, Gráfico 1). A faixa etária entre 17-25 anos é particularmente reveladora e evidencia um desequilíbrio considerável entre homens e mulheres. Boa parte das deposições nesse grupo etário está concentrada em tumbas femininas, chegando a fazer com que o valor seja 5 vezes maior em tumbas femininas do que masculinas. A análise do *corpus* revela ainda que, na medida em que envelheciam, pessoas tinham chances maiores de contar com a deposição de uma cerâmica, com ou sem úmero em seu interior. Essa é uma realidade particularmente observável entre a população masculina que apresenta um crescimento constante nas associações com vasos atingindo seu ápice numérico de ocorrências na faixa etária mais avançada, entre 35-45+ anos. Logo, para a parcela masculina da população, atingir uma idade mais avançada era algo fundamental no tocante à deposição funerária de cerâmica, ao passo que tal atributo não se fazia tão imperativo entre o segmento feminino da população.

A prevalência de vasos em tumbas de mulheres na faixa de 17-25 anos (cinco vezes a mais que os homens) e de 25-35 anos (duas vezes a mais) poderia, talvez, estar relacionada a atributos de fertilidade. Essa seria uma possibilidade interpretativa dupla. Afinal, não apenas potes de comida e ossadas de animais banqueteados se encontram muitas vezes vinculados a um universo fértil de fartura, mas também, se levarmos em consideração fatores de ordem biológica, as faixas etárias assinaladas estão fortemente associadas aos períodos de fertilidade e reprodução feminina, cruciais em sociedades pequenas e agropastoris.

Se tais associações existiam de fato, elas, apesar disso, não eram afetadas por mortes relacionadas à maternidade, como um enterramento encontrado em Kirkburn atesta. Lá, na tumba de K2, uma mulher de 25-35 anos fora sepultada com um feto de 8 meses lunares e um vaso, quebrado, estando apenas a base e parte inferior do corpo da cerâmica preservada. A tumba de K2 estava situada em um local particularmente afetado pela atividade de arado agrícola, o que dificulta a precisar o estado original dos achados (STEAD, 1991, p. 118). No entanto, a



quebra de cerâmicas fazia parte de um padrão observável de deposições. Em muitos casos, ela não foi ocasionada por condições externas, modernas durante a escavação das tumbas, tampouco por acidentes ocorridos durante o funeral quando tais objetos teriam sido depositados nas covas. Isso se torna visível, em especial, pela remoção, durante o sepultamento, de determinados fragmentos ou partes dos vasos das covas, incompatível com uma mera quebra acidental ou causada por fatores futuros, externos.

O ato de quebra fazia parte de um complexo processo de ritualização funerária durante a Idade do Ferro em Yorkshire.<sup>13</sup> Não se limitava, inclusive, a itens cerâmicos, já que outros artefatos, como armamentos, eram, por vezes, quebrados e colocados junto aos mortos, tal qual a espada e a bainha dobradas ao meio enterradas juntas a um homem em Acklam Wolds (DENT, 1983). Identificável desde as primeiras escavações, a quebra ritualizada de cerâmicas já intrigava e instigava discussões diversas. Afinal, tal estado de “imperfeição”, nas palavras de Greenwell (1906), “dificilmente poderia ser acidental” e levou o autor a concluir, em sua época, que se tratava de um fenômeno “bastante inexplicável” (GREENWELL, 1906, p. 264).

Trabalhos arqueológicos ao longo dos últimos cem anos provariam estar correta a suspeita de Greenwell de que as quebras observadas não poderiam ser o resultado de meros acidentes antigos ou do processo de escavação. De fato, embora alguns vasos tenham sido depositados por inteiro, como em Rudston nas tumbas de R2, R13, R16, R22, por exemplo, a maior parte das cerâmicas (2/3) encontradas em escavações antiquárias e modernas revelam sinais de quebra em seus corpos (RIGBY, 1991, p. 108-9). Acredito que o processo intencional de destruição, nesse sentido, possa ser sumarizado em dois grandes padrões observáveis de quebra. Eles incluem:

- (1) a quebra sistemática da parte superior dos vasos. Nesses casos, as partes superiores estão nitidamente ausentes e apenas as bases e/ou metades inferiores desses potes eram depositadas. Esse é o procedimento mais comum de deposição das cerâmicas encontradas nos sepultamentos da região e pôde ser identificado em mais de 30 ocorrências como, por exemplo, R37, R204, R20, WS57 e WS129 (Cf. Anexo, figura 2).
- (2) a destruição completa (ou parcial), seguida por um processo de distribuição ritualizada dos pedaços da cerâmica em locais distintos. Esses locais poderiam ser imediatamente junto aos mortos ou em determinada parte da tumba. Alguns exemplos





podem ser evocados: em R76, um pote foi quebrado em duas partes e depositado na trincheira do sepultamento em dois grupos: um na seção ao norte e outro, a oeste. Em R187 um pote foi quebrado (contendo um osso de ovelha) e seus cacos foram depositados em um grupo junto aos joelhos do homem sepultado e outro, em uma parte da cova. Em R143, um pote foi quebrado e os cacos foram espalhados em grupos próximos aos joelhos (com um osso de ovelha), os pés, o cotovelo e, ainda, em frente ao rosto do homem enterrado. Em R204, o vaso foi quebrado anteriormente e apenas os cacos da parte inferior foram depositados na cova agrupados em dois setores: um grupo deles próximos aos pés, outro, próximos à cabeça da mulher enterrada. Em alguns casos, como indicado por uma tumba em Wetwang (WS154), além da deposição de parte dos cacos na cova, outra parte era depositada no preenchimento da cova e da tumba, no montículo (Cf. Anexo, figura 3).

Mas qual o sentido por de trás de tais quebras? A resposta é difícil de ser oferecida. A destruição ritualizada de objetos tem sido vista como mecanismo para obtenção de prestígio ou posição social, em um discurso de abundância e descarte voluntário de riqueza (BRADLEY, 1982, p. 110–112). Contudo, dada a natureza dos achados em Yorkshire, é possível que os vasos de cerâmica desempenhassem alternativamente, ou complementarmente, uma função metonímica, como argumenta Giles (2012, p. 134). Isto é, tal quebra, feita de modo intencional e cerimonial, poderia ser um ato utilizado a fim de marcar a morte de determinado indivíduo, criando uma conexão análoga entre os objetos e os corpos enterrados. Dura constatação, mas, em última instância, não seria a vida humana algo tão frágil como um vaso cerâmico? Mais ainda: tal relação metonímica deveria desempenhar, igualmente, uma função mnemônica. Afinal, a manipulação da cultura material – quer pela via da destruição, quer pelos subsequentes arranjos das partes e dos cacos no interior das covas – consiste em um poderoso recurso para a criação de memórias altamente performáticas (LILLIOS; TSAMIS, 2010). Entretanto, essas ações não eram conduzidas de modo restrito ou homogêneo.

A presença de cerâmicas intactas revela que tais deposições não seguiam um único rígido protocolo havendo uma relativa flexibilidade ritual. Essa flexibilidade permitia que adaptações e escolhas fossem adotadas em cada caso, conforme as necessidades e as preferências dos grupos que as realizavam.





Curiosamente, não há qualquer correlação ou distinção feita com base no sexo ou na idade das pessoas, nesse sentido, no tocante à condição das cerâmicas encontradas, se elas apresentavam quebra ou não. Devo insistir nesse ponto: a ausência de diferenças entre pessoas quanto à tipologia, a qualidade e as condições das cerâmicas não deve ser negligenciada. Ausências, afinal, informam-nos tanto quanto certas presenças. A gradual ausência de cerâmicas em tumbas registrada a partir do século II a.C. em Yorkshire é um exemplo disso e atesta para a existência de mudanças conceituais significativas nos modos como as pessoas passaram a se relacionar com os mortos.

Embora a Idade do Ferro Tardia testemunhe a introdução de novas formas e novos tipos de cerâmicas, vasos simples e “sem-forma”, característicos dos séculos IV-II a.C. continuarão a ser produzidos na região durante o período romano-bretão (CHITTOCK, 2016a, p. 115; HALKON, 2013, p. 186). Eles se tornarão, no entanto, cada vez mais escassos nos cemitérios. Os únicos registros encontrados em contextos funerários, em torno do século I a.C., são de fragmentos isolados de cerâmicas no preenchimento de covas, totalizando apenas sete casos: um em Melton (M[a3-4]4297) e seis em Rudston (R68, R145, R146, R148, R176, R182). Os próprios cemitérios, aliás, testemunham um esvaziamento entre os séculos I a.C./d.C., que culminará no total desuso. Cessado o uso de cerâmicas em contextos funerários, as inumações tardias passarão a contar em número cada vez mais restritos, com marcadores de banquetes fúnebres expressos apenas na forma de partes de animais, em particular, porcos, depositadas junto aos mortos.

### Considerações finais

A Idade do Ferro bretã é ainda pouco discutida pela historiografia brasileira da Antiguidade. Apesar disso, ela nos informa sobre realidades materiais, dinâmicas sociais e experiências ritualizadas da vida e da morte distintas daquelas com as quais estamos, na maior parte dos casos, familiarizados. Seu estudo demanda árduo esforço, afinal existe muito a ser feito – inclusive, em termos linguísticos, já que ainda hoje há pouco produzido e/ou traduzido em língua portuguesa, dificultando sua divulgação. Ao contrário do que se imagina e para além dos relatos textuais produzidos por autores gregos e romanos, contamos com registros suficientemente abundantes para o estudo dos antigos bretões em recortes anteriores aos da ocupação romana. Esses registros, entretanto, possuem características e formatos distintos daqueles



com os quais, frequentemente, estamos habituados. Pedços enferrujados de objetos, remanescentes humanos e animais, ou até mesmo cacos quebrados de cerâmicas cuja aparência, para muitos, poderia bem ser tida como “rústica”, nos oferecem pistas valiosas sobre o passado. Lacunares, ainda assim essas pistas nos possibilitam dotar de historicidade comunidades tão frequentemente relegadas ao esquecimento.

Confeccionados com aparente despreensão, desprovidos de imagens e formas elaboradas de embelezamento, os conjuntos cerâmicos de Yorkshire podem ser particularmente reveladores. Sua deposição em contextos funerários é observável em muitos cemitérios da região, sendo, ao lado de broches e ossadas de ovelhas e porcos, um dos itens mais comumente encontrados juntos aos mortos. Tais escolhas eram fortemente condicionadas por atributos etários, estando associadas a inumações adultas e possuindo certas variações entre os sexos. Embora a ocorrência de cerâmicas varie entre uma localidade e outra, esses itens continuarão sendo utilizados como parte constituinte do mobiliário fúnebre durante muitas gerações até se tornarem obsoletas, para tal função, durante a Idade do Ferro Tardia, entre os séculos I a.C./d.C..

Apesar de sua simplicidade, a própria constituição das cerâmicas discutidas carregava importantes mensagens que faziam referência a estéticas comuns à primeira metade do primeiro milênio a.C. no norte bretão, criando um vínculo estético entre passado e presente. Por outro lado, ora feitas de rocha errática, ora de calcita, é possível também que elas simultaneamente assinalassem identidades microrregionais por parte de comunidades circunvizinhas situadas ao longo dos vales de Yorkshire Wolds.

Em contextos funerários, a deposição de cerâmicas se dava de modo dinâmico e criativo, em muitos casos fazendo uso de recursos metonímicos e mnemônicos. Por inteiro, em partes, ou, ainda, na forma de cacos ritualisticamente organizados no interior das covas, sua presença nos sepultamentos discutidos revela uma proximidade construída entre pessoas de ambos os sexos e em idades adultas. Pequenas distinções são observáveis entre indivíduos do sexo masculino e feminino, em particular no tocante à deposição de itens cerâmicos junto a mulheres na faixa etária entre 17 a 35 anos e homens com mais de 40 anos. Sinais de usos prévios e resíduos de fuligem indicam que essas não se tratavam apenas de deposições puramente simbólicas, mas de objetos de fato utilizados previamente. Banquetes funerários estavam sendo ofertados e assinalados junto aos mortos. Esse é um ponto reforçado, ainda, pela presença de remanescentes de animais consumidos em banquetes igualmente registrados na esfera



funerária. Nos sepultamentos com cerâmicas os remanescentes animais eram costumeiramente depositados próximos ou no interior dos vasos, consistindo, em sua maioria, em um único úmero de ovelha ou, em menor escala, de porco.

Se já não mais estudamos os antigos por nos enxergarmos como seus legítimos herdeiros diretos ou por acreditarmos que ofereçam modelos civilizatórios que, conforme a tradição, deveríamos emular, o estudo da Idade do Ferro bretã tem a contribuir para uma visão cada vez mais nuançada, crítica e menos excludente do passado que buscamos criar nos estudos sobre a Antiguidade. Permite-nos, quer pela estranheza ou pelo contraste, lembrar que o passado é um país estrangeiro onde as coisas são feitas de um jeito diferente.<sup>14</sup> E é inevitável que, na medida em que adentramos esse “país estrangeiro”, descubramos um pouco mais sobre nós mesmos. Entre vasos quebrados e vidas que se foram, uma possibilidade emerge para (r)escrevermos a História.

### Referências

BATES, Andrew; JONES, Gil; ORTON, David Clive. Animal bone from the Ferry Fryston chariot burial. In: BROWN, Fraser; ALLEN, Carol (org.). *The archaeology of the A1 (M): Darrington to Dishforth DBFO road scheme*. Lancaster: Oxford Archaeology North, 2007. p. 148-150.

BELARD, Chloé. *Les femmes en Champagne pendant l'âge du Fer (dernier tiers Vie-IIIe siècle av. J.-C.) et la notion de genre en archéologie funéraire*. 2014. 334 f. (Thèse de Doctorat) – Ecole Pratique des Hautes Etudes, Paris, 2014.

BRADLEY, Richard. The destruction of wealth in later prehistory. *Man*, London, v. 17, p. 108-122, 1982.

BRAILSFORD, John William. Problems of Iron Age pottery: an introduction to a discussion. In: FRERE, Sheppard Sunderland (org.). *Problems of the Iron Age in Southern Britain: papers given at a CBA conference held at the Institute of Archaeology December 12 to 14 1958*. London: University of London, 1961. p. 93-96.

BREWSTER, Thomas Cape Mason. *The excavation of Garton & Wetwang Slacks*. Malton: East Riding Archaeological Research Committee, 1980.

CAFFELL, Anwen; HOLST, Malin. Osteological Analysis. In: FENTON-THOMAS, Chris. *Where sky and Yorkshire and water meet: the story of the Melton landscape from prehistory to the present*. York: On-Site Archaeology Ltd., 2011. p. 498-562.



CHITTOCK, Helen Louise. *Pattern and purpose in Iron Age East Yorkshire*. 2016. 335 p. Thesis (Doctoral in Philosophy) – University of Southampton, Southampton, 2016a.

CHITTOCK, Helen Louise. Technical weakness or cultural strength? shapeless jars in Iron Age East Yorkshire. In: ERSKINE, Graeme J. R.; JACOBSSON, Piotr; MILLER, Paul; STEKIEWICZ, Scott (ed.). *Proceedings of the 17th Iron Age Research Student Symposium, Edinburgh, 29th May-1st June 2014*. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd, 2016b. p. 28-35.

CLASSICAL ART RESEARCH CENTRE. *Corpus Vasorum*. Oxford: Classical Art Research Centre, [2022a]. Disponível em: <https://www.cvaonline.org/cva/>. Acesso em: 2 set. 2022.

CLASSICAL ART RESEARCH CENTRE. *Main site*. Oxford: Classical Art Research Centre, [2022b]. Disponível em: [www.beazley.ox.ac.uk](http://www.beazley.ox.ac.uk). Acesso em: 2 set. 2022.

COLLARD, Mark; DARVILL, Timothy; WATTS, Martin; BAYLISS, Alex; BRETT, Mark; RAMSEY, Chris Bronk; MEADOWS, John; MORRIS, Elaine L.; PLICHT, Hans Van Der; YOUNG, Tim. Ironworking in the Bronze Age? Evidence from a 10th Century BC Settlement at Hartshill Copse, Upper Bucklebury, West Berkshire. *Proceedings of the Prehistoric Society*, Cambridge, v. 72, p. 367-421, 2006.

CUNLIFFE, Barry. *Britain Begins*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CUNLIFFE, Barry. *Iron Age communities in Britain: an account of England, Scotland and Wales from the seventh century BC until the Roman conquest*. London; New York: Routledge, 2005.

DENT, John Strickland. *The Iron Age in East Yorkshire: an analysis of the later prehistoric monuments of the Yorkshire Wolds and the culture which marked their final phase*. Oxford: John and Erica Hedges Ltd, 2010.

DENT, John Strickland. Three cart burials from Wetwang, Yorkshire. *Antiquity*, Cambridge, v. 59, n. 226, p. 85-92, 1985.

DENT, John Strickland. Weapons, wounds and war in the Iron Age. *Archaeological Journal*, London, v. 140, n. 1, p. 120-128, 1983.

DENT, John Strickland. *Wetwang Slack: an Iron Age cemetery on the Yorkshire Wolds*. 1984. 275 p. Dissertation (Master in Philosophy) – University of Sheffield, Sheffield, 1984. Disponível em: <https://etheses.whiterose.ac.uk/1819/1/>



DX190573.pdf. Acesso em: 19 jan. 2023.

DETIENNE, Marcel. *Les Grecs et nous: une anthropologie comparée de la Grèce ancienne*. Paris: Perrin, 2005. (Pour l'histoire).

DIAS, Carolina Kesser Barcellos. *A produção de vasos na Lucânia e a questão do contato cultural no contexto da colonização grega*. 2003. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DIAS, Carolina Kesser Barcellos. Abordagens metodológicas para o estudo de vasos gregos: a atribuição e a análise iconográfica. *Revista Eletrônica Antiquidade Clássica*, [s. l.], v. 4, p. 47-65, 2009.

FENTON-THOMAS, Chris. *Where sky and Yorkshire and water meet: the story of the Melton landscape from prehistory to the present*. York: On-Site Archaeology Ltd., 2011.

FITZPATRICK, Andrew. The fire, the feast and the funeral: late Iron Age burial rites in southern England. *Revue du Nord*, Paris, v. 11, p. 123-142, 2007.

FLEMING, Maria Isabel D'Agostino. O progresso na tecnologia do metal e inovações cerâmicas no mundo grecoromano. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 2, p. 41-47, 1997.

FRANCISCO, Gilberto da Silva; MORALES, Fábio Morales. Desvelando o Atenocentrismo. *Revista de Cultura e Extensão USP*, São Paulo, v. 14, n. supl., p. 67-79, 2016.

FREEMAN, Philip. *War, Women, and Druids: Eyewitness Reports and Early Accounts of the Ancient Celts*. Austin: University of Texas Press, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Padrões de consumo do azeite bético na Bretanha Romana*. 1990. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Univerisdade de São Paulo, São Paulo, 1990.

FUNARI, Pedro Paulo. O comércio interprovincial e a natureza das trocas econômicas no Alto Império Romano: as evidências do azeite bético na Bretanha. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 295-311, 2000.

GILES, Melanie. *A forged glamour: landscape, identity and material culture in the Iron Age*. Bollington: Windgather, 2012.

GREENWELL, William. *British barrows: a record of the examination of sepulchral*



mounds in various parts of England. Oxford: Clarendon Press, 1877.

GREENWELL, William. *Early Iron Age burials in Yorkshire*. Westminster: Society of Antiquaries, 1906.

GREENWELL, William. Notices of the examination of Ancient Grave-Hills in the North Riding of Yorkshire. *Archaeological Journal*, London, v. 22, n. 1, p. 97-117, 1865.

HALKON, Peter (org.). *The Arras culture of Eastern Yorkshire - celebrating the Iron Age*. Oxford: Oxbow Books, 2020.

HALKON, Peter. *The Parisi: Britons and Romans in East Yorkshire*. Stroud: The History Press, 2013.

HARDING, Dennis William. *The Iron Age in Northern Britain: Britons and Romans, Natives and Settlers*. London: Taylor & Francis, 2017.

JAY, Mandy; HASELGROVE, Colin; HAMILTON, Derek; HILL, Jeremy D.; DENT, John. Chariots and context: new radiocarbon dates from Wetwang and the chronology of Iron Age burials and brooches in East Yorkshire. *Oxford journal of archaeology*, Oxford, v. 31, n. 2, p. 161-189, 2012.

JAY, Mandy; MONTGOMERY, Janet. Isotopes and Chariots: Diet, subsistence and origins of Iron Age people from Yorkshire. In: HALKON, Peter. *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age*. Oxford: Oxbow Books, 2020. p. 85-100.

JAY, Mandy; RICHARDS, Michael Phillip. Diet in the Iron Age cemetery population at Wetwang Slack, East Yorkshire, UK: carbon and nitrogen stable isotope evidence. *Journal of Archaeological Science*, New York, v. 33, n. 5, p. 653-662, 2006.

KING, Sarah Suzanne. *What makes war?: assessing Iron Age warfare through mortuary behaviour and osteological patterns of violence*. 2010. 316 p. Thesis (Doctored in Philosophy) – University of Bradford, Bradford, 2010.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau; PORTO, Vagner Carneiro. Arqueologia como instrumento de aproximação aluno-mundo antigo: para além de uma visão eurocêntrica. *Revista Transversos*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 45-69, 2019.

LEGGE, Anthony James. The Animal Bones. In: STEAD, Ian Mathieson. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-*





the-Wolds, and Kirkburn. London: British Museum Press, 1991. p. 140-147.

LILLIOS, Katina T.; TSAMIS, Vasileios (org.). *Material Mnemonics: everyday memory in prehistoric Europe*. Oxford: Oxbow Books, 2010.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. O “espaço do fabuloso” e a representação de animais na cerâmica coríntia no século VII a.C. *Tempo*, Niterói, v. 21, n. 38, p. 1-17, 2015.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. Pintores de Vasos em Corinto: métis e alteridade. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 10-15, 2007.

MAXWELL, M.; HERON, C.; ARMIT, Ian. Useful and Social Pots: residue analysis of Iron Age pottery. Edinburgh: Society of Antiquaries of Scotland, 2011. Disponível em: <https://www.socantscot.org/research-project/useful-and-social-pots-residue-analysis-of-iron-age-pottery/>. Acesso em: 2 set. 2022.

MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 83, p. 125-150, 2020.

MORRIS, Elaine L. Production and Distribution of Pottery and Salt in Iron Age Britain: a Review. *Proceedings of the Prehistoric Society*, Cambridge, v. 60, n. 1, p. 371-393, 1994.

MORTIMER, John Robert. A Summary of What is Known of the so-called “Danes’ Graves,” near Driffield. *Proceedings of the Yorkshire Geological and Polytechnic Society*, Leeds, v. 13, n. 3, p. 286-298, 1897.

MORTIMER, John Robert. *Forty years’ researches in British and Saxon burial mounds of East Yorkshire, including Romano-British discoveries, and a description of the ancient entrenchments of a section of the Yorkshire wolds*. London: A. Brown and Sons, 1905.

MORTIMER, John Robert. Report on the opening of a number of the so-called “Danes’ Graves,” at Kilham, E. P. Yorks, and the discovery of a chariot-burial of the Early Iron Age. *Proceedings of the Society of Antiquaries of London*, London, v. 17, p. 119-128, 1898.

NISHITANI, Akira. *Typological Classification and the Chronology of Iron Age pottery in central-southern Britain*. 2012. 785 p. Thesis (Doctored in Archaeology) – Durham University, Durham, 2012.





PEACOCK, David; BLUE, Lucy (ed.). *The ancient Red Sea port of Adulis, Eritrea: results of the Eritro-British Expedition, 2004-5*. Oxford: Oxbow Books, 2007.

PEARSON, Michael Parker. Food, sex and death: cosmologies in the British Iron Age with particular reference to East Yorkshire. *Cambridge Archaeological Journal*, Cambridge, v. 9, n. 01, p. 43, 1999.

PEIXOTO, Pedro Vieira da Silva. Identidade e gênero na Idade do Ferro: Uma reflexão do que tem sido feito e um plano para ação. *Brathair*, São Luís, v. 18, n. 1, p. 88-116, 2018a.

PEIXOTO, Pedro Vieira da Silva. Quando a morte vem cedo: espaço, mobiliário e performance fúnebre em enterramentos infantis da Idade do Ferro nas Ilhas Britânicas. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Pelotas, v. 31, n. 2, p. 210-238, 2018b.

PEREIRA FILHO, Anisio Candido. *Ânfora de Apolo: um Estudo Sobre Cerâmica Grega Cicládica “Meliana” do séc. VII a.C.* 2011. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Univerisdade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PHILLIPS, Jacke. The Foreign Contacts of Ancient Aksum: New finds and some random thoughts. In: WENIG, Steffen; LOHWASSER, Angelika. *Ein Forscherleben zwischen den Welten*. Berlin: Berlin Sudanarchäologische Gesellschaft zu, 2014. p. 253-268.

PINTO, Otávio Luiz Vieira. A diplomacia das feras: a África ao sul do Saara, o império de Axum e os caminhos para uma Antiguidade Tardia multipolar. *Heródoto*, Guarulhos, v. 6.2, p. 173-196, 2021.

POPE, Rachel; RALSTON, Ian. Approaching sex and status in Iron Age Britain with reference to the nearer continent. In: MOORE, Tom; ARMADA, Xosê-Lois (org.). *Atlantic Europe in the First Millennium BC*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 375-414.

RIGBY, Valery. *Pots in Pits: The British Museum Yorkshire Settlements Project (1988-92)*. Oxford: East Riding Archaeological Society, 2004.

RIGBY, Valery. The Pottery. In: STEAD, Ian Mathieson. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991. p. 94-118.

ROGNON, Frédéric. Os primitivos, nossos contemporâneos. Campinas: Papirus,



1991.

ROUET, Philippe. *Approaches to the study of Attic vases*: Beazley and Pottier. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ROUET, Philippe. Aux origines de la céramologie grecque: l'étude des vases attiques avant Beazley. *Histoire de l'Art*, [s. l.], n. 29-30, p. 3-12, 1995.

SALLES, Jean-François; SEDOV, Aleksandr Vsevolodovich (org.). *Qāni'*: le port antique du Ḥaḍramawt entre la Méditerranée, l'Afrique et l'Inde: fouilles russes 1972, 1985-89, 1991, 1993-94. Tournhout: Brepols, 2010.

SANTOS, Lidiane Carolina Carderaro. *Variações da imagem de Apolo citaredo na cerâmica de influência grega produzida na Campânia entre os séculos V e III a.C.* 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

SILVA, Érica Cristhyane Morais da. Os impérios africanos no mundo antigo: Kush e Axum. In: CAMPOS, Adriana Pereira; SILVA, Gilvan Ventura da; MOTTA, Kátia Sausen da (org.). *O espelho negro de uma nação: a África e sua importância na formação do Brasil*. Vitória: EDUFES, 2021. p. 41-69.

SOUZA, Camila Diogo de. A Arte Geométrica grega: considerações sobre a análise dos motivos figurados do repertório iconográfico geométrico argivo (c. 900 a 700 a.C.). *Calíope: Presença Clássica*, Rio de Janeiro, v. 29, p. 61-95, 2015.

STEAD, Ian Mathieson. *Iron Age cemeteries in East Yorkshire: excavations at Burton Fleming, Rudston, Garton-on-the-Wolds, and Kirkburn*. London: British Museum Press, 1991.

STEAD, Ian Mathieson. *The Arras culture*. York: Yorkshire Philosophical Society, 1979.

STEAD, Ian Mathieson. *The La Tène cultures of eastern Yorkshire*. York: Yorkshire Philosophical Society, 1965.

STEPHENS, Mark; WARE, Paula. The Iron Age cemeteries at Pocklington and other excavations by MAP. In: HALKON, Peter (org.). *The Arras Culture of Eastern Yorkshire: Celebrating the Iron Age*. Proceedings of "Arras 200 - Celebrating the Iron Age". Oxford: Oxbow, 2020. p. 17-32.

STILLINGFLEET, Edward William. Account of the opening of some barrows on



the Wolds of Yorkshire. *Proceedings of the Archaeological Institute Meeting*, York, p. 26-32, 1846.

THEML, Neyde. História e Arqueologia: a Formação da Realeza dos Macedônios. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 301-320, 1997.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. História Comparada: Olhares Plurais. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2007.

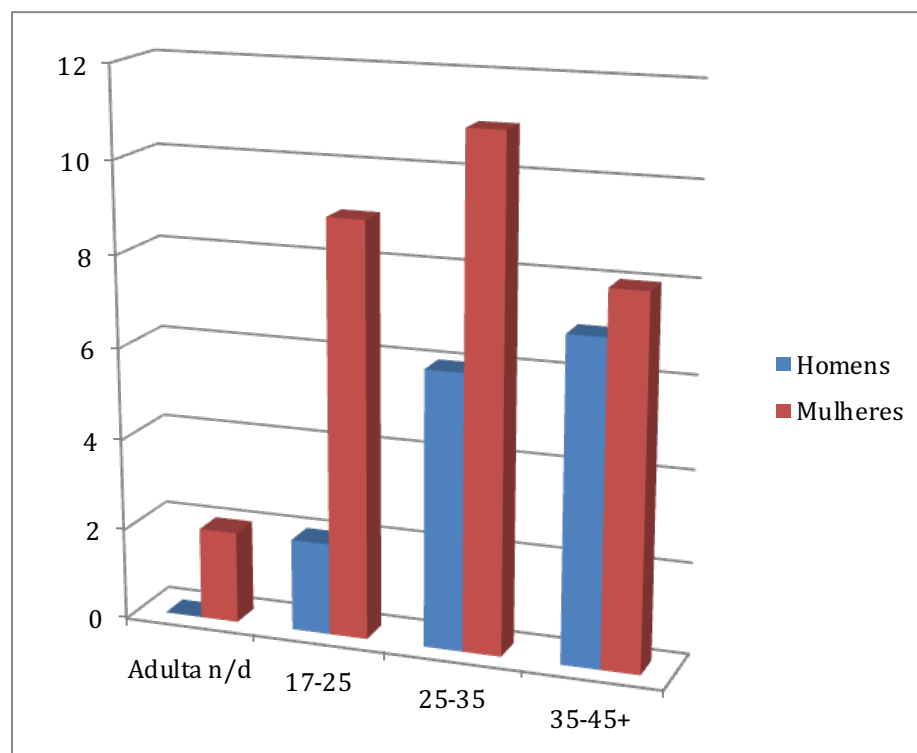
TOMBER, Roberta. Aksumite and other imported ceramics from early historic Kamrej. *Journal of Indian Ocean Archaeology*, New Delhi, v. 2, p. 99-102, 2005.

WAIT, Gerald. Burial and the otherworld. In: ALDHOUSE-GREEN, Miranda Jane. *The Celtic world*. London: Routledge, 1996. p. 489-511.

## Apêndice

Cerâmicas da Idade do Ferro em Yorkshire: distribuição e deposição.

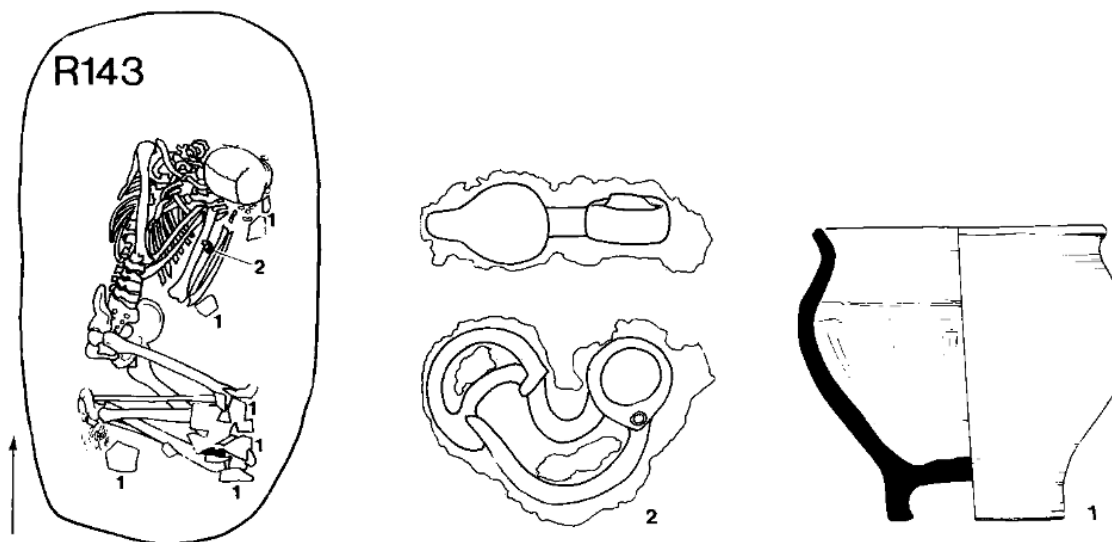
**Gráfico 1** - Distribuição da deposição de cerâmicas a partir de critérios sexuais e etários em tumbas da Idade do Ferro de Yorkshire



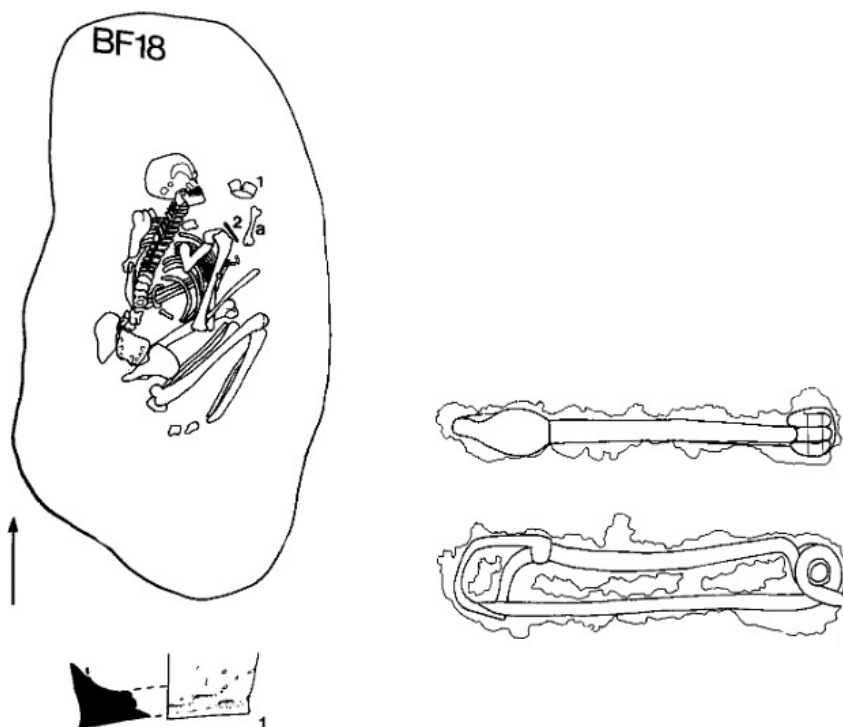
Pedro Vieira da Silva Peixoto  
Vasos que se quebram, vidas que se vão:  
cerâmicas em tumbas no norte bretão (séculos V-II a.C.)



**Figura 1** - Tumba de R143. A sepultura abriga uma inumação do sexo masculino (17-25 anos), fletida em sentido norte-sul, voltada para leste, acompanhada por um broche de ferro (37mm) sobre o braço esquerdo e um vaso (135mm altura), quebrado, em fragmentos agrupados à altura dos joelhos, pés, cotovelo esquerdo e cabeça. (Baseado em plantas das escavações de STEAD, 1991, modificado pelo autor)



**Figura 2** - Tumba de BF18. A sepultura abriga uma inumação feminina (35-45 anos), fortemente fletida em sentido norte-sul, voltada para leste, acompanhada por um broche de ferro (73mm) próximo ao ombro direito e a parte inferior de um vaso quebrado (c. 20mm altura) a leste do crânio e um úmero esquerdo de ovelha. Observe o padrão consistente de quebra da cerâmica e a ausência de sua parte superior na cova. (Baseado em plantas das escavações de STEAD, 1991, modificado pelo autor)



Pedro Vieira da Silva Peixoto  
Vasos que se quebram, vidas que se vão:  
cerâmicas em tumbas no norte bretão (séculos V-II a.C.)



## Notas

<sup>1</sup>Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). É Professor Adjunto de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>2</sup>O *Corpus Vasorum Antiquorum* é o mais antigo e primeiro projeto levado a cabo pela Union Académique Internationale, federação composta por corpos acadêmicos de mais de vinte países para cooperação científica, criada em 1919 e ainda hoje atuante. A elaboração do CVA, inicialmente sob a direção de E. Pottier, sucedeu a primeira assembleia promovida pela União em 1920, tendo o primeiro volume publicado em 1923. Hoje, as centenas de milhares de vasos catalogados estão publicados em mais de 300 volumes, que encontram-se digitalizados em domínio eletrônico hospedado pela Univ. de Oxford em nome da União ([www.cvaonline.org](http://www.cvaonline.org)). Já o Arquivo Beazley é o resultado da atuação de J. Beazley como professor na Universidade de Oxford durante os anos de 1925-56, embora tenha continuado a ser expandido desde a aposentadoria de Beazley até 1970, ano de sua morte. Contendo discussões, notas e mais de 100.000 fotografias de vasos gregos, a grande maioria áticos, o arquivo foi adquirido pela Universidade de Oxford em 1964, tendo sido alocado por um período junto ao Museu Ashmolean e, hoje, encontra-se alocado no Classical Art Research Centre, estando os materiais, publicações e banco de dados que compõem o arquivo disponíveis digitalmente ([www.beazley.ox.ac.uk](http://www.beazley.ox.ac.uk)). (Para uma discussão sobre o CVA e o Arquivo Beazley, conferir ROUET, 1995, 2001; para um brevíssimo balanço e histórico de estudo sobre vasos cerâmicos antigos, conferir DIAS, 2009).

<sup>3</sup>A imagem de Atenas enquanto modelo e sinônimo para o que é ser grego remonta a um conjunto de discursos construídos na própria Antiguidade e reproduzidos em diferentes escalas pela historiografia moderna e por diferentes formas de nacionalismos modernos (cf. DETIENNE, 2005; e para o atenocentrismo, em especial, cf. FRANCISCO; MORALES, 2016).

<sup>4</sup>Ver em particular os comentários de Jacke Phillips (2014) sobre adaptações axumitas de moedas romanas e a equiparação do rei axumita com o imperador romano como parte de uma declaração política e comercial de paridade (PHILLIPS, 2014, p. 263-4).

<sup>5</sup>Tal designação cronológica é o fruto de uma convenção historiográfica e possui variações regionais. É importante salientar que trabalhos metalúrgicos de ferro já estavam em voga em regiões do sul bretão desde o séc. X a.C., como atestam escavações em sítios como o de Hartshill Copse, em West Berkshire (COLLARD *et al.*, 2006). Do mesmo modo, deve-se encarar de modo puramente simbólico a data de 43 d.C., ano da conquista da *Britannia* por Cláudio, como término do período. Quanto ao etnônimo “bretão” é importante destacar que sua própria origem remonta a Antiguidade clássica. Ele aparece já nos escritos de autores gregos e romanos que rotularam os habitantes da Ilha *B/Prettanikē/Britannia* como os *Prettanoi*, *Britanni* ou *Pretani* (CUNLIFFE, 2013; FREEMAN, 2002).

<sup>6</sup>Algumas destas trincheiras, por vezes, possuem formatos mais arredondados ou estão ausentes nas últimas fases de usos desse cemitérios. Embora a vasta maioria de sepultamentos contenha covas, há também registros de inumações mais antigas depositadas na superfície, isto é, onde os mortos eram deitados ao nível do solo e cobertos por um montículo fúnebre (GILES, 2012; STEAD, 1979, 1991).

<sup>7</sup>Há quatro grupos tipológicos para os sepultamentos na região: enterramentos de tipo A (inumações orientadas em sentido Norte-Sul, com as faces voltadas para leste ou oeste,



em posições fletidas/contraídas, identificáveis em larga parte entre os séculos IV-II a.C.); tipo B (conjunto de inumações tardias, em torno do séc. I a.C./d.C, contém corpos orientados em sentido Leste-Oeste, e faces voltadas para o sul ou norte, em posições levemente fletidas e/ou em decúbito); tipo C (inumações com carros, com orientações iguais as de tipo A, a maior parte em torno do séc. III a.C.); tipo D (inumações que são inserções secundárias a outros sepultamentos, comumente na trincheira da tumba e/ou no montículo, seguindo o mesmo padrão de posicionamento que as de tipo A, embora variações em sentido leste-oeste possam ocorrer conforme a seção da trincheira onde foram depositadas) (GILES, 2012, p. 69–71; STEAD, 1991).

<sup>8</sup>Esse é, até o momento, um truismo. Contudo, devemos tomá-lo com certa cautela e nos manter abertos a novas possibilidades. Ian Stead em sua tese de doutorado e subsequentes publicações defendia, por exemplo, que tumbas com carros eram incompatíveis com ideais marciais, já que nenhum armamento havia sido encontrado nelas (STEAD, 1965, 1979). Duas tumbas com carros escavadas em 1984 por John Dent, no entanto, contribuíram para uma mudança interpretativa radical, nesse sentido, já que continham pontas de lanças, espadas e escudos e, subsequentemente, o próprio Stead escavou uma tumba com carros que produziu uma cota de malha em Kirkburn (DENT, 1985; STEAD, 1991).

<sup>9</sup>Embora nenhuma tipologia funcional possa ser atribuída ao conjunto cerâmico de Yorkshire, Rigby (1991, p. 100-1) esboçou uma classificação tipológica provisória em termos das formas mais recorrentemente observáveis nos formatos da base, do corpo e da boca dos vasos.

<sup>10</sup>Algumas exceções existem nos cemitérios do vale de Great Wolds. Nove sepultamentos (um em Burton Fleming e oito em Rudston) apresentavam cerâmicas temperadas de calcita. Esses casos encontram-se catalogados em Rigby (1991, p. 96–102).

<sup>11</sup>Cortes sistemáticos encontrados em muitos ossos desses animais, compatíveis com processo de escarnação, e indícios de cozimento, atestam que eles foram preparados e consumidos, não se tratando de deposições meramente simbólicas (LEGGE, 1991). Em Ferry Fryston, uma tumba com carro continuou a atrair deposições do tipo ao longo de dois séculos e partes de mais de 2.800 animais foram encontradas em seu entorno, como testemunhos de banquetes realizados no local (BATES; JONES; ORTON, 2007).

<sup>12</sup>Além desse caso, apenas três outras ocorrências de cerâmicas em tumbas infantis poderiam ser apontadas: em Rudston, R185c junto a uma criança de 4-8 anos, novamente, em uma cova compartilhada; em Cowlam, C.F., com uma criança de 6-8 anos e em um enterramento mais antigo, datado em torno de 500 a.C.; em Melton com uma inumação de 11-13 anos. No entanto, nenhuma cerâmica completa, quebrada ou em parte foi depositada. As ocorrências mencionadas revelam apenas um pequenino caco ou fragmento isolado de cerâmica encontrado na terra, no preenchimento da cova, podendo ser um achado residual (RIGBY, 1991, p. 100).

<sup>13</sup>Para uma discussão sobre a destruição de artefatos na pré-história europeia, ver Bradley (1982).

<sup>14</sup>Tomo emprestadas as primeiras palavras do prólogo do romance *The Go-Between*, publicado em 1953 por Leslie P. Hartley.